



Luiz Ruffato
De mim
já nem
se lembra

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

Para Roniwalter Jatobá e Marçal Aquino

© 2012, Luiz Ruffato
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *De mim já nem se lembra*
Autor: Luiz Ruffato
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2012

ISBN 978-989-671-132-0
Depósito Legal n.º 348267/12

índice

Explicação necessária.....	9
As cartas	27
Apêndice	127
Nota biográfica	135

Explicação necessária

Enxugando as mãos no avental, minha mãe veio ao meu encontro, aninou-me em seus braços e, avesso a seu feitio, beijou-me o rosto, olhos deramando saudades. Minha irmã, tomando Helena, minha filha, ao colo, sucumbia-a de afagos, Como cresceu, essa menina!, Como está linda! O chapéu puído do meu pai avivava uma conversa com o motorista do táxi, E aí, seu Moreira, muito serviço? Arrastando a mala para o cimento do terreiro, meu cunhado anunciava, Comprei aquelas duas caixas de cerveja e arrumei uma pinga que, ó! Fevereiro maltratava o jardinzinho de rosas, beijos, gerânios, cravos, girassóis, azaleias, hibiscos. Suados meninos sem camisa, renunciando à bola, debruçavam sua curiosidade nos muros da casa. Vizinhas acudiam, em visitas beija-flores que esfiaparam o resto da tarde.

Aquele Carnaval o destrinchamos numa churrasqueira de ferro-fundido, que o Luzimar, afilhado da minha mãe, governava, de manhã à noite, asas de frango, picanhas, linguças.

A fumaça gordurosa imiscuía-se por entre as telhas-francesas, participando-se às moradias sempre-em-construção que espicham-se pelas ruas-ficus da Taquara Preta. A todo momento, Ô, de casa!, palmas no portão, minha mãe coadjuvando o entra-e-sai, parentes, conhecidos, amigos, O Luizim?, Cadê?, Meu deus, está diferente!, E São Paulo, heim? Sua filha? Parece não... E a mãe dela? Ah, não veio!?! Minha sobrinha cuidava de pratos e talheres, desgostosa por o marido, igual a sempre, entatuar-se, televisão ligada, arredidamente estirado no sofá da sala.

Encontrávamo-nos felizes, embora tudo. Aposentado — havia começado cedo na insalubre tinturaria da Manufatora —, meu cunhado dera para enranzinhar-se por nada, tocado pelas imperspectivas. Eu sabia que o salário de merendeira de escola municipal da minha irmã mais os magros proventos do marido eram escassos para vencer o mês. Franzino e enfermiço, meu pai revirava os recônditos da cidade vendendo caramujos, caramelos e rosquinhas-amanteigadas — vinte e cinco anos antes, o doutor Pace convocara a família a Juiz de Fora: *Infelizmente, ele não tem mais que uns seis meses apenas, infelizmente*. Minha mãe, que chegara a ocupar-se de quinze trouxas de roupa por semana, mantinha as mãos queimadas de água-sanitária, mas já sem forças para mais que quatro lavagens — num Natal presenteei-a com

um «tanquinho», novidade que, emocionada, exibia aos visitantes.

Viviam. Ela trazia sempre arrumada uma «bolsa de viagem» — camisola, muda de roupa, chinelo, sandália, escova de cabelo e de dentes, documentos — «para alguma precisão», que se manifestava no soar do telefone: algum Ruffato de Rodeiro ou de Ubá está internado, está mal, morreu; ou vai casar; ou nasceu, vai batizar, vai fazer a primeira-comunhão, a crisma; ou desentendeu-se com a mulher, com o marido, com os filhos, ou. Lamentando, Meu deus, e eu aqui nessa lonjura, trancava a porta, enfiava a chave num vão do esteio, e na plataforma vigiava ansiosamente o ônibus que a conduziria ao encontro dos seus. Resignado, meu pai reclamava, Qualquer espirro e chamam ela. Arruinava botinas (só usava botinas) atendendo a freguesia, modo de especular sobre a política municipal — um anti-Prata irremissível —, recordar tempos idos, atualizar notícias, conversar à toa. Quando principiava a toada, «Você lembra do», minha mãe, impaciente, batendo com mais força a peça de roupa no esfregador, estocava, «Lá vem arrodeio».

Na terça-feira à noite, o Luzimar encostou a «chimbica», seu Chevette verde-metálico 1985, no meio-fio, aceitou o cafezinho com bolo-de-fubá que minha mãe ofertava, e falou que ia levar eu e a Helena à rodoviária. Meu pai prontificou-se

à companhia, mas seu afilhado o desencorajou: queria antes me expor o puxadinho que estava levantando, Vai ser o quarto da Bruna, ela fez quinze, não quer mais dividir as coisas com a Marcela, E a Soninha vai com a gente, não cabe todo mundo mais a mala. A «chimbica» não aguenta, padrinho, está velhinha, coitada. Despedimo-nos rapidamente, buscando evitar olhos e narizes vermelhos, Se deus quiser logo-logo a gente.

Na casa do Luzimar, no Ibraim, a Helena fartou-se de Doritos e Coca-Cola, por mais que eu a admoestasse do fedor do banheiro do ônibus, Vai dar vontade de fazer xixi e aí eu quero ver... Eu e o Luzimar esquadrimos fiscais a obra, um retângulo de dois metros por três, ainda depósito de vergalhões, areia e brita, mas breve, Semana que vem batemos a laje, cama, mesinha, guarda-roupa. Depois, na varanda, luzes apagadas para desterrar os inconvenientes cupins — vagalumes coriscando a noite, grilos mastigando o silêncio —, ele murmurou, A Soninha quer falar com você, subitamente revelada no breu, recostada numa cadeira tomando a fresca. Luiz, você não achou a madrinha mais magra não?, sussurrou. Por afinidade, nomeava «madrinha» minha mãe. Estranhei a pergunta, espreitei a memória, não, não saberia julgar. Por quê? Não sei... Ela perdeu seis quilos em pouco tempo... Seis quilos!? É, e isso não é normal não, diagnosticou, auxiliar-de-enfermagem no Hospital de Ca-

taguases. Apreensivo, fiz ambos prometerem levar minha mãe a um médico, Vocês conhecem ela, não gosta de dar trabalho, e tornei desassossegado a São Paulo, noite latejando estrelas.

Mesmo insistindo todos — eu, minha irmã, Luzimar, Soninha e meu pai —, somente em fins de março minha mãe aceitou em visitar um médico, o doutor Wesley, novato, mas já investido de certo renome. Ele ouviu suas queixas, Tenho nada não, vim porque o povo teimou, auscultou-a, indagou dos progressos, requereu chapa-do-pulmão, exames de sangue, urina e escarro, ponderando a tuberculose que um dia carcomeu a saúde do meu pai. *(A madrugada sonolenta espertava momentaneamente aos nossos passos, determinados os da minha mãe, errados os meus. O ônibus da Viação Vitória nos abandonava em Juiz de Fora e apressávamos a outro que nos desembarcava em Santos Dumont, onde meu pai internaram no Sanatório Palmira. Um domingo por mês, o trajeto. Minha mãe presenteava-o com esperanças; eu, do lado de fora preso, avistava-o ao longe em meio às árvores, e, de cócoras, entretinha-me com formigas-cabeçadas, paquinhas e lagartixas.)*

O doutor Wesley desgostou dos resultados e, assediada pelos acessos da tosse rabugenta que escorraçavam sua dentadura, minha mãe tolerou render-se à broncoscopia na Santa Casa de Juiz de Fora pela época da Semana Santa, Vou para serenar vocês. Caminhávamos, minha irmã e eu, dentro

da vagarosa manhã de maio, no sentido da Aurora, mas direção alguma, largando pegadas no pó amarelo da estrada-de-chão, as águas do Rio Pomba e o vento e os passarinhos segredando silêncios, vez ou outra uma motocicleta, vez ou outra um carro, desguiando-se de costelas e buracos, vez ou outra uma bicicleta, Bom dia, Bom dia, a paisagem de folhas e pastos ressecados, nossa solidão. Tarde anterior, o doutor Wesley explanou a gravidade, esparramava-se cruel, irreversível, inflexível, inexorável, o câncer. A radioterapia, dolorosa e estressante, apenas inventaria falsas expectativas, Sinto muito. Ela não deve saber, eu disse à minha irmã. Não queremos que ela sofra, não é mesmo?, estaquei, agônico, à sombra de um bambuzal, apresentando-a à morfina.

Parte das férias Helena despendeu-a na casa da avó. Debilitada, minha mãe buscava agradá-la, mas qualquer esforço a exauria, mãos aflitas anteparando-se nas paredes, nos móveis. Estendida na cama, seus ansiosos olhos castanhos perscrutavam, impotentes, o cortejo do ponteiro dos segundos no relógio-despertador. Meu filho, o quê que é isso?, interpelou-me quando, final de julho, peguei Helena, Nada, mãe, coisa boba, breve a senhora estará boa e aí nós vamos lá em Rodeiro, só nós dois, como antigamen, e engasgado virei o rosto, gritando, sem paciência, Helena, vamos, que já estamos atrasados!

Quinze dias mais, tornei a Cataguases: encontrei-a internada. Soninha guiou-me pelos sombrios corredores que exalavam desalento e dor, burlando o horário-de-visita, Não está nada bem, e indicou-me o quarto, Não demora muito não. Empurrei a porta vagorosamente e surpreendi-a recostada à janela, a espreitar o vai-vem da rua, só-ossos sob a camisola-de-hospital. Sussurrei, Mãe?!, voltou o corpo e apavorei-me com o terror que li em seu rosto encovado: a morte a contatara antes e desesperada minha mãe procurava agarrar-se ao cordame invisível que nos move e ele desfazia-se podre em suas mãos suadas, Ah, meu filho, nunca mais vou poder fazer aquela taioba com angu que você tanto gosta... Estou indo embora, meu menino, estou indo embora... E não queria... não queria... Que vai ser do seu pai, coitado, sozinho? E da sua irmã? Ai, meu deus, meu deus...

Mudo, larguei-a desamparada, espectro fluando no colchão, e ganhei célere a alameda de oitis, minha covardia ladrando nos calcanhares. Ensolarado, agosto traquinava indiferente, espalhando folhas e ciscos, impelindo com indolência a tarde por entre nuvens e irritadas buzinas. Sob as sibipurunas da Praça Rui Barbosa escorreguei pela perambeira da infância, *minha irmã não suportava a roça, achava jeca, eu e meu irmão nos lambuzávamos de felicidade, minha mãe parava no Pivatto e comprava um tabuleiro de caçarola que nos empanturrava na meia*

légua esticada à nossa frente. Íamos cumprimentando a italianada que carpia o pasto de fumo, arava a vargem de arroz, limpava as vielas de milho, os Bicio, os Micheletto, os Spinelli, os Benvenutti, os Chiesa, os Pretti, os Finetto, os Justi, os Zoccoli, e outros e tantos! Sábia, minha mãe, driblando a ciumeira, nos repartia pelas casas dos parentes — eu preferia a do tio Pedro, que nos despertava com o aroma das piadas que cozia, uma a uma, para comeremos no café-da-manhã. Incansável, ela percorria sua felicidade pelos sítios, inteirando e inteirando-se dos ocorridos desde a última vinda. No pomar, instalava-se à caça de laranjas maduras — as limas, sua predileção. Cheiro de pipoca nas noites de truco, berro nas madrugadas de matação de porco, gargalhadas escoando em tardes para o todo e sempre olvidadas. Minha mãe está morrendo e o homem que conversa com o seu Pantaleone na banca-de-jornais ignora. E a grávida que escolhe o enxoval do bebê na loja em frente, o viralata que sua pelagem descorada coça, o melancólico vendedor de churros, a velha que me espiona da janela, os aposentados na fila do banco, os dois amigos que bebem cerveja no bar da esquina, o casal que discretamente se desentende, o menino que faz birra, a adolescência do desgarrado trio marron-e-bege do Colégio Cataguases, o rapaz que inquieto fuma no aguardo de alguém, o outro que toma sorvete, o motoqueiro e a garupa, o mendigo, as bicicletas, os pardais, as nuvens — perto dali, num cubículo sombrio e emanando a remédio, minha mãe ago-

niza no claro entardecer. Minha mãe destroncava o pescoço do frango, sangrava-o, escaldava-o, depenava-o e esquartejava-o como a havia ensinado minha avó. Sonhava conhecer o mar. Uma vez fomos a Marataízes, maiô novinho que recusou vestir, envergonhada. Descalçou as sandálias, calçou a areia, experimentou a água salgada, disse, Pronto, e, diante de sua teimosia, voltamos para Cataguases manhã seguinte. Aos domingos, a casa lotada, desdobrava-se na cozinha — «minha satisfação, o povo agradado».

O sete-de-setembro em 2001 caiu numa sexta-feira. Vali-me do feriado prolongado para estar com o Filipe, meu filho, em Belo Horizonte, para onde se demudara para estudar. Vazia, a república — seus três colegas saciavam as saudades de casa —, gastamos o dia em andanças baldias: no Mercado Central, cerveja e isca-de-fígado com jiló; no Diamond Mall, um filme qualquer; na Pizza Hut, inquirimos o intangível. O sono escapou-se-me, extenuado pelo vermelho pisca-piscar do anúncio-luminoso do prédio em frente, *Hotel Madrid*. Às cinco horas da manhã, o celular, Aconteceu, a voz entrecortada da minha irmã precipitou-nos, Filipe e eu, no lusco-fusco.

Espreguiçava-se a cidade quando rumamos para Ubá, via Ouro Preto e Ponte Nova, ensimesmados. As montanhas de minério-de-ferro, os bois dispersos em pastos ressequidos, os minguados rios, as vilas bocejantes, os passageiros,

nada enxergavam meus olhos — despedia-me de outras paragens, que impregnaram meu corpo um dia e submergiam agora para sempre. A mãe do Filipe aguardava para nos levar a Rodeiro, onde, após a missa de corpo-presente na igreja de São Sebastião, unimo-nos ao séquito que transportou o caixão ao túmulo da família — meu pai escorado em minha irmã. Antes de o coveiro assentar os tijolos que lacrariam a cripta, afastei-me barranco abaixo do triste e horrendo cemitério, e meu amigo Fernando Cesário me guiou para longe, asilando-me em seu sítio, na estrada Cataguases-Mirai.

Meus pés descalços chapinham — a água ou lama alcançam o tornozelo — numa espécie de caverna tão escura, que, arregalados os olhos, não vejo minhas mãos imundas tateando as sombras. Teias-de-aranha lanham meu rosto, em locas guincham ratos famélicos, baratas-voadoras esbarram em meu corpo nu. Algo me impele e adivincho que, à medida em que avanço, desmoronam barrancos às minhas costas. O buraco se estreita e o ar escasseia, arrasto-me — lamurientas vozes orientam minha esperança. Minhas coxas fraquejam, as fontes palpitam, ardem os pulmões. Estranhamente não grito; esgana-me, parece, a aflição. Súbito, os braços envolvem-me as pernas: estou pronto.

O domingo, surpreendi-o encorujado à varanda. Animadas, as maritacas derramavam reluzentes gotas de orvalho no anil da manhã anestesiada de

beija-flores. Pardais saltitavam na grama serenada. Empoleirados na sombra do pau-ferro, coleirinhos algodoados. Um canário-da-terra macho cortejava a companhia, num canto do jardim. Saddam, o fila mau-humorado, circulava sua jaula, irritado — nos antipatizávamos. Decidi movimentar-me, segui para a casa do Gésus, o caseiro.

Os cachorros saudaram-me, excitados, alertando a menina que, renunciando à vassoura-de-piaçava com que limpava o terreiro, meteu-se ligeira cômodo adentro, acanhada. O menino, bico na boca, mirava-me, resguardado atrás da porta da sala. O Gésus, cigarro pendurado dos lábios, surgiu, repreendendo os viralatas, Bicho besta, sô! Embaraçado, apertou minha mão, Meus pêsames, seu Luiz, o doutor Fernando avisou. O senhor aceita um cafezinho?, a patroa acabou de passar. Entramos pela cozinha, Zezé, o seu Luiz. Ô, seu Luiz, que tristeza, disse, comovidamente. Senta, senta aqui, apontou uma cadeira. Os dedos varreram a toalha-de-plástico que recobria a mesa, escorraçaram os mosquitos, depositaram a garrafa-térmica e destaparam o prato semi-coberto por um pano-de-prato, uma broa. Mastiguei um pedaço, a erva-doce inundou minha boca, revolvendo desejos de fumar, *Basta um trago, um único para*

Sáimos, agasalhados pela friagem, névoa sobrepairando a vargem para além da cerca-de-arame-farpado. Em normal taciturno, Gésus condeu-se,

São Paulo, 2 de fevereiro de 1971

Querida mãe, querido pai,

Só hoje, terça-feira, consegui sentar e escrever para vocês. A viagem foi boa, mas cheguei muito cansado. Nunca tinha viajado tanto tempo dentro de um ônibus... O pior é que não consegui pregar os olhos... E ainda fiquei meio enjoado. Tinha uma mulher que passou o tempo todo com a janela aberta, resmungando porque o rapaz vizinho não parava de fumar. Daí que aquele vento batia direto em mim e não me deixou dormir. Quem veio sentado do meu lado foi um senhor chamado Gesualdo, que vem a ser irmão do seu Marciano, da dona Marta, a senhora lembra dele? Ele falou que conhece muito a senhora e o pai. Muita coincidência, não é mesmo? Ele pegou o ônibus comigo em Leopoldina e tinha vindo de Cataguases, mas eu não vi ele antes não. Ele conversou um pouco comigo, mas antes de chegar em Porto Novo ele já tinha dormido. O ônibus parou três vezes, para o pessoal se aliviar e comer qualquer coisa. Eu não desci na primeira parada não, mas na segunda, no meio da viagem, eu desci. Estava uma noite bonita para chuchu e me deu uma coisa na garganta, medo de nunca mais voltar a ver a senhora, o pai, o Luizinho, a Lúcia, os meus amigos, a nossa casa. Mas eu

sei que é preciso lutar para melhorar de vida e se Deus quiser eu um dia ainda volto e vamos poder fazer um monte de coisas juntos.

O Nilson estava me esperando na rodoviária direitinho. Quem diria, mãe, o Nilson, aquele moleque encapetado que vivia sujando a roupa no quadrador do Beco, que vivia jogando pedra no telhado das casas, que todo mundo dizia que não ia dar em nada na vida, aquele mesmo Nilson agora é um rapaz trabalhador, responsável, e está me ajudando muito aqui nesses primeiros tempos. A rodoviária é muito bonita. Grande que só vendo. Tem um teto colorido e escada rolante. Fiquei morrendo de medo de descer na escada rolante, mas fiquei com vergonha do Nilson e descí. Até que não é ruim não, qualquer dia desses vou praticar um pouco. A dona Glenda — ou é dona Brenda, eu não entendi direito o nome dela, perguntei para o Nilson, ele me falou que também não sabe, e olha que ele tem cinco meses que mora aqui, mas ela fala tão enrolado que eu não entendo se é dona Glenda ou dona Brenda —, ela me colocou no mesmo quarto do Nilson. Tem duas bicamas no quarto. Fala para o Luizinho que ele ia ficar doido para morar aqui, ele é doido com bicama... Eu durmo debaixo. Em cima dorme um rapaz, deve de ser baiano pelo jeito dele falar. Na outra bicama dorme o Nilson em cima e um moço caladão, que se chama Valdisnei, que não

sei de onde ele é não. Aliás, todo mundo aqui na pensão é de fora.

Amanhã, o Nilson vai me mostrar como chego em Diadema, na firma onde vou fazer ficha. Reze para que dê tudo certo.

E a senhora, está bem? E o pai, melhorou da tosse? Fala com ele que eu não esqueci dos conselhos dele não: só falo com as pessoas que o Nilson me diz que é colega dele ou conhecido. E o Luizinho? Ele ia ficar doido com a montoeira de gente que tem nessa cidade. A gente saiu da rodoviária, pegou um ônibus, andou para chuchu, pegou outro e só aí a gente chegou aqui no Ipiranga. E diz o Nilson que isso não é nada, que eu não vi nem um décimo da cidade. Não dá nem para acreditar... E a Lúcia? Fala para ela que assim que eu puder vou comprar um rádio só para ela.

Mãe, vou parando por aqui, senão eu não paro mais essa carta. Envie lembranças a todos, deste seu filho cheio de saudades,

JOSÉ CÉLIO

Luiz Ruffato nasceu em Minas Gerais, em 1961, e é um dos nomes mais consistentes da literatura brasileira contemporânea.

Distinguido com diversos prêmios literários, a sua obra foi já publicada em Itália, França, Alemanha, Argentina, Colômbia e México.

É autor dos seguintes livros: *Eles eram muitos cavalos* (2001, Prémio APCA — Associação Paulista de Críticos de Arte e Prémio Machado de Assis); *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009, finalista do Prémio São Paulo de Literatura); projecto *Inferno provisório*, composto por cinco volumes: *Mamma, son tanto felice* (2005, Prémio APCA), *O mundo inimigo* (2005, Prémio APCA e finalista do Prémio PT), *Vista parcial da noite* (2006, Prémio Jabuti), *O livro das impossibilidades* (2008, finalista do Prémio Zaffari-Bourbon) e *Domingos sem Deus* (2011, finalista do Prémio PT e do Prémio São Paulo de Literatura); *As máscaras singulares* (2002, poesia) e *Paráguas verdes* (2011, poesia).

de mim, já nem se lembra
foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Guide, Artes
Gráficas, sobre papel Coral Book de 90
gramas, em Agosto de 2012.